

Vale renova operação de US\$ 20 milhões com um banco japonês

por Ana Lúcia Magalhães
do Rio

A despeito da delicada situação externa do Brasil, em função da suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) está conseguindo renovar seus créditos de curto prazo. Na última segunda-feira, a empresa renovou uma operação no valor de US\$ 20 milhões com o Daichi Kangyo Bank, um dos maiores bancos japoneses e do mundo.

A informação foi dada ontem pelo diretor da área financeira e de relação com o mercado da CVRD, Agilberto Pires, que participou de reunião com sócios da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), seção Rio. "Temos tido contatos diários com banqueiros internacionais e não há nenhum sinal de que essa situação vá mudar", afirmou Pires.

O diretor da CVRD anunciou, também, que está acertando com o Banco Central (BC) uma forma de se fazer o "hedge" dos créditos internacionais da empresa, basicamente a receita (operações que protejam contra possíveis desvalorizações das moedas em que a estatal recebe). Pires acredita ter esse acerto dentro de um ou dois meses, e o valor das operações de "hedge" deve ficar entre US\$ 50 milhões e US\$ 100 milhões.

REDUÇÃO DA MARGEM DE LUCRO

Pires disse que a redução da margem de lucro já era prevista desde o início da implantação do projeto Carajás. "Sabíamos que ao nos engajar em um projeto desse porte (US\$ 3 bilhões), com o seu consequente endividamento (60% de recursos externos e 40% próprios) teríamos de passar por um período de contenção e de dificuldades, e que

precisaríamos aumentar nossa eficiência e reduzir custos", frisou.

AMORTIZAÇÃO PESADA

O diretor da CVRD informou que a fase mais dura em termos de amortização da dívida contraída em função de Carajás começa neste ano e vai-se reduzindo pouco a pouco. Só a partir de 1991 é que a empresa começará a ter um alívio, segundo Pires.

O esquema de amortização do principal da dívida é o seguinte: 1987 — US\$ 295 milhões; 1988 — US\$ 300 milhões; 1989 — US\$ 349 milhões; 1990 — US\$ 305 milhões; e 1991 — US\$ 305 milhões. Dos juros: 1987 — US\$ 266 milhões; 1988 — US\$ 252 milhões; 1989 — US\$ 226 milhões; 1990 — US\$ 176 milhões; e 1991 — US\$ 150 milhões.

"Além disso, houve, desde o início do projeto Carajás para cá, alguns fenômenos sobre os quais a CVRD não pode atuar. Um dos principais foi a desvalorização do dólar. A nossa receita é toda em dólar, que de 1985 até hoje teve uma desvalorização de 50%, enquanto 60% dos financiamentos para Carajás são em iene, marco e uma cesta de moedas européias. Com a desvalorização da moeda norte-americana, nossa dívida ficou 50% maior", declarou Pires.

Outras razões para a redução da margem de lucro foram apontadas por Pires, como a duplicação de sistemas de exploração de minério de ferro (Norte e Sul), que implicou em aumento de custos. A contracção da siderurgia mundial também contribuiu, pois gerou uma diminuição de preços. Por último, Pires citou as reduções em termos reais da receita da Vale do mercado interno, por força da desatualização do preço do minério de ferro da empresa e das tarifas ferroviárias.